

Desvelando o lugar de acompanhante do paciente em um Centro de Transplante de Medula Óssea

Autores: Larissa Nunes Benamor¹ Daphne Rodrigues Pereira²

E-mail de contato: larissa.benamor@gmail.com

1 – Psicóloga. Residente multiprofissional em oncologia – INCA. 2 – Psicóloga no Centro de Transplante de Medula Óssea do Instituto Nacional de Câncer. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

Nas instituições de saúde, geralmente a atuação da prática profissional está voltada para o sujeito que apresenta a doença orgânica propriamente dita, cabendo aos acompanhantes de pacientes uma localização de menos destaque no âmbito de intervenção. Dentro deste contexto, o Centro de Transplante de Medula Óssea do INCA (CEMO/ INCA), por ser uma clínica em que os pacientes têm direito a acompanhante durante todo o percurso de tratamento, buscamos analisar os efeitos de acompanhar um paciente, considerando-se as diversas variáveis envolvidas como a complexidade do procedimento, o aparato biotecnológico e a gravidade das doenças tratadas.

OBJETIVO

Analisar os efeitos de acompanhar um paciente submetido ao transplante de medula óssea no INCA.

MÉTODO

Foi realizado o estudo de oito casos clínicos que compunham os atendimentos habituais do serviço de psicologia do CEMO, durante as fases de pré, peri e pós transplante. Os participantes da pesquisa foram os acompanhantes de pacientes da referida clínica, cujos graus de parentescos compreenderam filhos, cônjuges e pais. Os fragmentos de sessões clínicas foram analisadas a partir da fundamentação teórica da psicanálise. Os trechos dos atendimentos foram utilizados sem a divulgação dos nomes dos participantes, assegurando-se o anonimato. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa CEP/INCA sob o número 1.576.301.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados sinalizam duas questões centrais do trabalho: por quais caminhos passa a eleição do acompanhante e os efeitos de ocupar esse lugar. A escuta a esses sujeitos permitiu desvelar que a decisão para assumir os cuidados do paciente e a eleição do familiar envolvem, em algum nível, uma escolha – isto é, o lugar do acompanhante não é definido apenas por laços de parentesco.

Apesar da experiência de cada familiar ser singular, é importante ressaltarmos pontos relevantes de ocupar este lugar. Acompanhar o paciente pode afetar a vida do familiar em vários aspectos, como o cansaço, dificuldades com o trabalho remunerado, a impossibilidade de cuidar de outros parentes (como filhos pequenos), assim como a falta de momentos de lazer, por exemplo.

Observamos também que o acompanhante pode se encontrar imerso naquilo que assola o paciente, isto é, na angústia, medo e sofrimento que o paciente vivencia. Tal circunstância pode ser evidenciada, por exemplo, com o uso dos verbos na primeira pessoa do plural, quando um esposo verbaliza: “demoramos para encontrar o diagnóstico certo e com isso perdemos muito tempo” (grifo nosso).

Outro achado importante durante a pesquisa foi a crença, por parte dos acompanhantes, de que o modo como eles suportam ou não a situação, influenciaria no enfrentamento do paciente ao tratamento. O acompanhante se priva de demonstrar ou falar de sua tristeza e preocupações para o paciente, acreditando que isso, por exemplo, o “desmotivaria” a continuar enfrentando a doença.

Além disso, a rotina de cuidados pode ser vivenciada tanto pelo paciente como pelo acompanhante como uma perda da privacidade de cada um, excedendo-se os limites da intimidade que havia entre eles até então. Na rotina hospitalar, torna-se evidente a imposição de proximidade que paciente e acompanhante ficam expostos durante a internação.

Em meio ao desejo de estar próximo e participar do tratamento do familiar, encontramos também a presença de sentimentos ambivalentes de ocupar esse lugar. Analisamos que essa mescla de afetos que permeiam os sujeitos não se trataria de uma depreciação dos sentimentos de amor. De acordo com Freud (1915), essa mescla de sentimentos contraditórios faz com o que sujeito mantenha o amor sempre vigilante e renovado, protegendo-o contra o ódio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da escuta a esses sujeitos, observou-se o modo singular de vivenciar esse percurso daqueles que se dispõem a acompanhar o paciente. Embora a palavra “acompanhante” seja um termo que remeta a um lugar comum, cada pessoa irá ocupar esse lugar de diversas formas. Conforme foi discutido, por não ser o lugar de acompanhante um lugar “natural”, existe um limite para cada um. Se para alguns, cuidar de um paciente submetido ao transplante traz certo prazer e satisfação, pra outros essa vivência poderia levá-lo a experimentar o limite do insuportável.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Edição Standard Brasileira. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.